

OS LIMITES DOS BENS E DOS MALES



Reitor

Carlos Henrique de Carvalho

Reitor

Paulo Cesar Montagner

Vice-reitora

Catarina Machado Azeredo

Coordenador Geral da Universidade

Fernando Antonio Santos Coelho



Conselho Editorial

Presidente

Sertório de Amorim e Silva Neto

Conselho Editorial

Presidente

Edwiges Maria Morato

Alexandre Guimarães Tadeu de Soares

Amon Santos Pinho

Arlindo José de Souza Junior

Carla Nunes Vieira Tavares

Juliana Marzinek

Raquel Discini de Campos

Carlos Raul Etulain

Cicero Romão Resende de Araujo

Dirce Djanira Pacheco e Zan

Frederico Augusto Garcia Fernandes

Iara Beleli

Marco Aurélio Cremasco

Pedro Cunha de Holanda

Sávio Machado Cavalcante

Verónica Andrea González-López

Comissão organizadora da coleção do Estudo Acadêmico

Alexandre Guimarães Tadeu de Soares (UFU)

Anselmo Tadeu Ferreira (UFU)

Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento (PUC/SP)

Fausto Castilho (Unicamp) (*In memoriam*)

João Bortolanza (UFU)

Marcio Chaves-Tannús (UFU)

Marcos César Seneda (UFU)

Equipe de realização

Coordenação editorial: Eduardo Moraes Warpechowski

Revisão de Língua Portuguesa: Lúcia Helena Coimbra do Amaral

Revisão de normas técnicas: Bruna dos Santos Pinheiro

Projeto gráfico e capa: Heber Silveira Coimbra

Diagramação: Luciano de Jesus Franqueiro

Revisão de provas: Cláudia de Fátima Costa

COLEÇÃO DO ESTUDO ACADÊMICO
SÉRIE CICERONIANA

Marcos Túlio Cícero

Os limites dos bens e dos males

Tradução e notas
Bruno Fregni Bassetto

Prefácio
José R. Seabra Filho

EDUFU

EDITORIA
UNICAMP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- C568l Cícero, Marcos Túlio.
Os limites dos bens e dos males / Marcos Túlio Cícero ; tradução: Bruno Fregni Bassetto ; prefácio: José R. Seabra Filho. – 2. ed. – Uberlândia : Edufu ; Campinas: Editora da Unicamp, 2025.
584 p. – (Série Ciceroniana).
- ISBN: 978-65-989058-6-6 (Edufu)
ISBN: 978-85-268-1785-2 (Unicamp)
Edição bilíngue.
Textos em Latim e Português.
1. Filosofia antiga. 2. Filosofia e religião. 3. Ética – Roma. I. Bassetto, Bruno Fregni (trad.). II. Seabra Filho, José Rodrigues (pref.). III. Título. IV. Série.

CDU: 1 (37/38)

Bruna dos Santos Pinheiro
Bibliotecário-Documentalista – CRB-6/3805

Direitos reservados a

Edufu — Editora da Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121 — Bloco 1S
Campus Santa Mônica
Cep 38.400-902 — Uberlândia — MG — Brasil
(34) 3239-4293
www.edufu.ufu.br

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 — 3º andar
Campus Unicamp
Cep 13083-859 — Campinas — SP — Brasil
(19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br
vendas@editora.unicamp.br

Editoras associadas à



**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

Sumário

Prefácio

7

Livro I

17

Livro II

89

Livro III

217

Livro IV

297

Livro V

381

Índice onomástico e remissivo

493

Prefácio

Período de desfavorável turbulência política leva Cícero a afastar-se momentaneamente da vida pública e dos trabalhos do foro, e a ter por consequência a oportunidade de dedicar-se à intensa atividade literária; nesse clima surge, em 45 a.C., o *De finibus*. Publicada em cinco livros e em forma de diálogo, a obra é, dentre os tratados ciceronianos, aquela que procura responder exatamente à pergunta sobre que é que seria o denominado “sumo bem” ou “o verdadeiro bem”. Em resumo: os dois primeiros livros apresentam respectivamente exposição e refutação da tese epicurista de que o sumo bem (*summum bonum*) seria o prazer (*uoluptas*); os terceiro e quarto, da mesma maneira em relação à estoica de que o sumo bem seria a moralidade (*honestum*); o quinto expõe a doutrina peripatética, e um pouco a neoacadêmica — preferida por Cícero —, de que a verdadeira felicidade estaria na virtude completa, moral e física. Três partes, cada uma com exposição e crítica, podem ser consideradas: a exposição por um partidário da respectiva corrente filosófica dentre as personagens colocadas na conversação (Torquato, no livro I, faz a exposição para o epicurismo, Catão no livro III para o estoicismo, Pisão, na maior parte do livro V, para o peripateticismo); a crítica a cargo do próprio Cícero (livros II, IV e trechos do livro V). Contempla-se então a parte moral de três filosofias da Grécia antiga: a do epicurismo, a do estoicismo, e no final, praticamente juntas, a do peripatético-academicismo. Como essas escolas conceberam o *sum-*

mun bonum? que é que consideraram como o principal para a plena realização do homem? — eis aí o objetivo básico do tratado.

A expressão *summum bonum* leva-nos aqui a um parêntese, a uma reflexão sobre o próprio título e sobre os objetivos do autor. Pois em geral se considera que o título completo *De finibus bonorum et malorum* talvez pudesse ter sido reduzido para simplesmente *De finibus*, com o sentido de “a respeito dos fins” ou “dos limites”; o restante “dos bens e dos males” seria desnecessário, pois por si só *finis* já passaria a mensagem “alvo a ser atingido”. E realmente — se se considera a correspondência com τέλος (conforme se lê no trecho 7, 26 do livro III) — *finis* pode apresentar além de “limite” os significados também de “realização” e “plenitude”, e enfim a ideia de “bem”. Seja como for, o autor está criando linguagem filosófica em latim, não quer ser mero tradutor de textos gregos, e pois talvez se sinta mais seguro com a expressão toda em vez de com uma só palavra. Sobre enriquecer as letras latinas com o gênero filosofia, ele quer difundir entre os romanos seus contemporâneos os grandes temas das escolas gregas; daí em algumas passagens de suas obras todas referir-se vez por outra orgulhosamente a si mesmo como o divulgador das grandes conquistas do pensamento; daí, como incentivo à leitura, lembrar ser tão apropriado quanto o grego, para a linguagem filosófica, o latim literário. Quando se consideram tais objetivos, entende-se a justa reclamação indagativa logo em parte inicial do *De finibus* — em I, 2, 6 — sobre a validade e oportunidade da exposição, em latim, de temas da filosofia grega: *Quod si nos non interpretum fungimur munere, sed tuemur ea quae dicta sunt ab iis quos probamus eisque nostrum iudicium et nostrum scribendi ordinem adiungimus, quid habent cur graeca anteponant iis quae et splendide dicta sint neque sint conuersa de Graecis?* (porque se nós não cumprimos com

a função de simples tradutores, mas observamos as coisas que foram ditas por aqueles que aprovamos, e acrescentamos a elas nosso parecer e nossa ordem de escrever, que razão se tem para preferir os escritos gregos a estes latinos, que também com brilho tenham sido ditos, e não apenas vertidos a partir dos gregos)? Os leitores não encontrarão apenas divulgações de temas gregos, mas sim análises, desenvolvimentos, comentários — sempre algo mais que simples traduções, e algo mais de sabor “Roma”.

Para conhecer pontos essenciais de filosofias gregas, leiam-se pois os divulgadores tratados ciceronianos. E isso é bem mais verdadeiro com relação ao *De finibus*, em cujos dois livros iniciais aparecem como interlocutores Lúcio Mânlio Torquato, amigo de Cícero, partidário do epicurismo; Caio Valério Triário, jovem amigo de Cícero; o próprio Cícero. O primeiro livro apresenta, após refutação de objeções contra texto filosófico em latim e não em grego — de que vimos exemplo acima —, explanação sobre o epicurismo: a física, a lógica e especialmente a moral de Epicuro são extensamente explicadas. O ponto básico consta em I, 9, 29: *Hoc Epicurus in uoluptate ponit quod summum bonum esse uult summumque malum dolorem* (no prazer Epicuro põe o que ele quer como sumo bem, e como sumo mal a dor) — o prazer (ἡδονή), ou *uoluptas* entre os romanos), bem entendido, consistente aí na ausência de dor e na eliminação de temores, o que se conseguiria pela filosofia, pelo conhecimento. No livro II o diálogo fica, pelo menos de início, mais movimentado. Em resposta a Torquato, Cícero passa a criticar o epicurismo. A partir da indagação se essa ἡδονή deve ser entendida como todo mundo a entende ou como ausência de dor, decorrem as contradições do epicurismo acerca da definição do sumo bem. Contrariamente ao que diz a conhecida doutrina de Epicuro, conclui-se que para o homem não o prazer mas sim outro bem maior deve ser procurado: *Ad altiora quaedam*

et magnificentiora, mihi crede, Torquate, nati sumus (crê em mim, Torquato, nascemos para certas coisas maiores e mais magníficas — II, 34, 113).

Os livros terceiro e quarto constam basicamente de diálogos imaginários entre Catão de Útica e o próprio Cícero. No livro III Catão expõe o essencial da moral estoica: como supremo bem constam nela a ação correta, a moralidade, a sabedoria antes que as riquezas materiais: *Si sapientia bonum sit non sequi ut etiam diuitias bonum esse dicamus* (não seguir-se, caso a sapiência seja um bem, que diríamos também as riquezas serem um bem — III, 15, 49). Vai parecer então um tanto vago o conceito moral que sobressai na exposição e que se traduz como moralidade (*honestum*) — pois é possível considerá-lo tanto “moralidade” em geral como ainda “beleza moral” —, mas enfim seria esse conceito, para os estoicos, o único bem. No final (III, 22, 76), uma pergunta retórica que resume o essencial da suprema felicidade: *Quod si ita est ut quisquam nisi bonus uir et omnes boni beati sint, quid philosophia magis colendum? aut quid est uirtute diuinius?* (se se considera que não sejam felizes a não ser um bom varão e todos os bons, que então deve ser mais cultuado que a filosofia ? ou que então é mais divino que a virtude) ? No livro IV, Cícero retoma a palavra para mostrar ter sido dito antes por acadêmicos e peripatéticos tudo o que diz o estoicismo, e para provar impossível constituir o sumo bem somente com a virtude e a moralidade. A bem da verdade, esclarecido o assunto, as ideias estoicas sobre os bens e os males levariam, em última análise, ao riso (*re explicata risum mouerent* — IV, 22, 61). Conforme conclusão de Cícero a Catão (IV, 25, 68): *Cum enim quod honestum sit id solum bonum esse confirmatur, tollitur cura ualitudinis, diligentia rei familiaris, administratio rei publicae, ordo gerendorum negotiorum, officia uitae, ipsum denique illud honestum in quo uno uultis esse omnia deserendum*

est (quando efetivamente se confirma ser um bem somente o que seja moral, tolhe-se o cuidado da saúde, a atenção ao assunto familiar, a administração da república, a ordem de gerir os negócios, os deveres da vida, e enfim deve ser abandonada esta própria moralidade, única na qual queres que todas as coisas estejam).

O livro V apresenta como dialogantes Marco Pisão, companheiro de estudos (*cf. Brutus* LXVIII, 240), o amigo Tito Pompônio que posteriormente viria a ser conhecido como Ático (*cf. De finibus* V, 2, 4), o próprio Cícero, seu irmão Quinto e seu primo Lúcio. Sobre o sumo bem Pisão expõe as doutrinas de acadêmicos e, mais extensamente, as de peripatéticos; evidencia-se a importância da questão. Ao expor a filosofia peripatética (*Peripateticorum disciplina*), Pisão explica sobre a vida feliz (*beata uita* — V, 8, 23): *Quaerimus autem non quae sit sed unde sit* (procuramos, porém, não que é que ela seja mas sim donde ela venha). Vêm em seguida observações de Cícero sobre a exposição de Pisão; sobressai a explicação do probabilismo. Finalmente Pisão retoma a palavra para rebater as críticas de Cícero. Como vai mostrar mais diretamente em tratado do mesmo ano de publicação (*Academica*) e em outro posterior (*De fato*, de 44 a.C.), aqui Cícero já se manifesta probabilista seguidor de Carnéades, e consequentemente não dogmático, e ainda também não em desacordo com os peripatéticos.

No final do livro V, após longa exposição da moral da filosofia peripatética por Pisão e das interferências então de Cícero, sente-se como um elogio que este faz a si mesmo a confissão de Ático a Pisão quanto ao latim ser tão bom ou até melhor que o grego para texto filosófico (V, 32, 96): *Quae enim dici Latine posse non arbitrabar ea dicta sunt a te uerbis aptis nec minus plane quam dicuntur a Graecis* (pois as coisas que eu não julgava poderem ser ditas em latim foram ditas por ti com palavras apropriadas e não menos claramente que

são ditas pelos gregos). É o escritor satisfeito de oficializar uma linguagem filosófica em latim, orgulhoso de criar em literatura latina o gênero filosofia.

Oportuno se mostra o surgimento há muito necessário do *De finibus*, agora também em edição bilingue latim-português, preparada e traduzida por Bruno Fregni Bassetto; faltava entre nós, em especial entre os estudiosos de filosofia e letras, a publicação desse texto. Exposição, explicação, análise e crítica de temas das diversas correntes filosóficas é o que em especial se vai encontrar, conforme vimos acima, em toda a extensão da obra; e até do epicurismo, contra o qual Cícero sempre se manifestou, se terá aí a explicação mais objetiva e completa. Principal orador romano, referência da eloquência clássica, modelo máximo do latim, Cícero não obstante não se limitou à retórica, mas prestou também seu serviço à história do pensamento. Para apreensão de pontos essenciais das antigas escolas gregas, estão aí à disposição do estudioso os tratados ciceronianos: não há outro caminho que lhe possa proporcionar o substancial necessário de conhecimento da filosofia ocidental.

José R. Seabra Filho (USP)

M. TVLLI CICERONIS



DE FINIBUS
BONORUM
ET MALORUM



MARCOS TÚLIO CÍCERO



OS LIMITES
DOS BENS
E DOS MALES



LIBER PRIMVS

I. [1] Non eram nescius, Brute, cum, quae summis ingeniis exquisitaque doctrina philosophi Graeco sermone tractavissent, ea Latinis litteris mandaremus, fore ut hic noster labor in varias reprehensiones incurreret. Nam quibusdam, et iis quidem non admodum indoctis, totum hoc displicet philosophari. Quidam autem non tam id reprehendunt, si remissius agatur, sed tantum studium tamque multam operam ponendam in eo non arbitrantur. Erunt etiam, et ii quidem eruditi Graecis litteris, contemnentes Latinas, qui se dicant in Graecis legendis operam malle consumere. Postremo aliquos futuros suspicor, qui me ad alias litteras vocent, genus hoc scribendi, etsi sit elegans, personae tamen et dignitatis esse negent.

[2] Contra quos omnis dicendum breviter existimo.

Quamquam philosophiae quidem vituperatoribus satis responsum est eo libro, quo a nobis philosophia defensa et collaudata est, cum esset accusata et vituperata ab Hortensio. Qui liber cum et tibi probatus videretur et iis, quos ego

Livro I

I. 1. Não ignorava eu, Bruto, que haveria de acontecer que este nosso trabalho viesse a provocar várias incriminações, ao traduzirmos para o latim aqueles assuntos que os filósofos trataram, em grego, com exímia capacidade e profundo ensinamento. Realmente, filosofar sobre tudo isso não agrada a um certo número e esses de fato não são totalmente incultos. Alguns outros, porém, não recriminam tanto o fato, caso se agisse com mais lentidão, mas julgam que não se deveria pôr nesse trabalho um esforço tão grande nem tamanha dedicação. Haverá ainda outros, e esses, conhecedores dos textos gregos e menosprezadores dos escritos latinos, que afirmem preferir empregar seu esforço em ler os textos gregos. Por fim, desconfio que haverá alguns outros vindouros, que exijam de mim outros escritos e neguem que este gênero de tratado, ainda que seja elegante, possua individualidade e merecimento.

2. Contra todos esses pretendo argumentar com brevidade, embora tenha sido de fato respondido o bastante aos críticos da filosofia naquele livro, em que a filosofia foi por nós defendida e enaltecida, uma vez que havia sido acusada e menosprezada por Hortêncio¹. Nesse livro, já que a ti parecia

¹ Hortêncio — *Quintus Hortensius Hortalus* (114-50 a.C.), filho de Lúcio Hortênsio e de Semprônia, famoso orador, só superado por Cícero. Foi *tribunus militum*, edil curul, questor e cônsul em 69, com Quinto Cecílio Metelo. Escreveu peças oratórias, das quais temos apenas os títulos de 26, mas nada de seu conteúdo; destaque-se *Oratio pro C. Verre contra Ciceronem*. Publicou também poemas (de caráter geralmente obsceno, segundo Ovídio), anais e livro de lugares comuns; desses últimos sobraram poucos

posse iudicare arbitrarer, plura suscepi, veritus ne movere hominum studia viderer, retinere non posse. Qui autem, si maxime hoc placeat, moderatius tamen id volunt fieri, difficilem quandam temperantiam postulant in eo quod semel admissum coerceri reprimique non potest, ut propemodum iustioribus utamur illis, qui omnino avocent a philosophia, quam his, qui rebus infinitis modum constituent in reque eo meliore, quo maior sit, mediocritatem desiderent.

[3] Sive enim ad sapientiam perveniri potest, non paranda nobis solum ea, sed fruenda etiam sapientia est; sive hoc difficile est, tamen nec modus est ullus investigandi veri, nisi inveneris, et quaerendi defatigatio turpis est, cum id, quod quaeritur, sit pulcherrimum. Etenim si delectamur, cum scribimus, quis est tam invidus, qui ab eo nos abducat? Sin laboramus, quis est, qui alienae modum statuatur industriae? Nam ut Terentianus Chremes non inhumanus, qui novum vicinum non vult ‘fodere aut arare aut aliquid ferre denique’ — non enim illum ab industria, sed ab inliberali labore deterret —, sic isti curiosi, quos offendit noster minime nobis iniucundus labor.

excelente, também àqueles que eu pensava poderem julgar, afrontei não poder sustentar muitas coisas, receando que eu parecesse perturbar as inclinações dos homens. Mas os que querem que isso seja feito de modo mais moderado, caso tal procedimento lhes agrade particularmente, exigem certa moderação difícil naquilo que, uma vez admitido, não pode ser restringido nem suprimido, de modo que usemos aqueles argumentos possivelmente mais justos, que de modo algum se afastem da filosofia, do que os que desejam um meio-termo e estabeleçam uma medida por razões infinitas em algo tanto melhor quanto maior for.

3. Pois, ou se é possível chegar à sabedoria, deve ela não apenas ser a nós apresentada, mas também usufruída; ou caso isso seja difícil, não há, contudo, nenhum modo de investigar a verdade a não ser que o descubras, e o esgotamento de procurar seja desonroso, ainda que seja muito belo o que se procura. Em verdade, se sentimos prazer quando escrevemos, quem seria tão invejoso a ponto de nos afastar dele? Mas se trabalhamos, quem há que imponha método à atividade alheia? Pois, como Terenciano Cremes², não desumano, que não quer que “o novo vizinho cave ou are ou, afinal, produza algo” — pois não o afasta da atividade, mas do trabalho indigno de um homem livre — do mesmo modo esses curiosos, aos quais ofende nosso trabalho de forma alguma desagradável para nós.

fragmentos. Como filósofo foi medíocre. A referência do texto é *De philosophia sive Hortensius*.

² Terenciano Cremes — Personagem cômica de várias peças de Terêncio (*Andria*, *Phormion*, *Heautontimorumenos* e *Eunuchus*), muito popular como símbolo da esperteza, avareza e cobiça, citado várias vezes por Cícero e Horácio. Em vários tópicos de Terêncio, é apresentado como um velho; apenas em *Eunuchus* é apresentado como um jovem camponês. Cremes é também nome comum.

II. [4] Iis igitur est difficilius satis facere, qui se Latina scripta dicunt contemnere. In quibus hoc primum est in quo admirer, cur in gravissimis rebus non delectet eos sermo patrius, cum idem fabellas Latinas ad verbum e Graecis expressas non inviti legant. Quis enim tam inimicus paene nomini Romano est, qui Ennii Medeam aut Antiopam Pacuvii spernat aut reiciat, quod se isdem Euripidis fabulis delectari dicat, Latinas litteras oderit? Synephebos ego, inquit, potius Caecilii aut Andriam Terentii quam utramque Menandri legam?